

**DOMEZI, Maria Cecília. *Deuses em Guerra e Pacto na América Latina Colonial*. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.**

A autora se propõe a *largar a visão e aguçar a sensibilidade para captarmos (...) a polifonia de mentalidade e modos de religião que permeiam o cristianismo estabelecido e também escapam por suas brechas* (p. 7). A chave de leitura que ressalta desde o início o do conflito religioso: *Além de perseverarem no imaginário dos santos do catolicismo os seus deuses perseguidos, souberam percebê-los em trocas e pactos com o Deus dos cristãos* (ibidem).

Pondo em contraste a visão triunfante de que a missão cristianizadora dos tempos coloniais dá como que um *direito adquirido* a segmentos da Igreja Católica com a tendência religiosa das culturas pós-modernas. A autora aventa uma interpretação do atual panorama religioso da América Latina à luz das *resistências, subterfúgios e até mesmo do que se pode chamar guerra de deuses*. (p. 8). É uma hipótese interessante, pois, como insinua a autora: *as adesões se fizeram de formas variadas [por confrontos explícitos, surdina e clandestinidade], principalmente por múltiplas reinterpretações e sincretismos, através de culturas dos segmentos dominados*. E conclui: *É nesse terreno que se pode falar de pacto de deuses*. (ibidem).

Não desconhecendo as interferências de muitas outras tendências ao longo da história latino-americana, a autora se esforça por explicitar sua percepção através de seis capítulos. Depois de uma introdução, onde levanta a questão de se saber *em nome de qual deus?* Por ela, busca entrar no fascinante mundo religioso latino-americano e caribenho para ver a trajetória histórica no qual: *o zelo da missão em seus primeiros tempos conviveu com formas exacerbadas de violência da colonização* (p. 13).

No primeiro capítulo (A Chegada dos Cristãos) evidencia o choque cultural e religioso que o desembarque dos ibéricos provocou nos povos autóctones misto de revelação e conquista espiritual com implantação de um poder colonial.

No segundo capítulo (Religiões enraizadas e religiões herdadas), após resgatar a presença humana no continente americano pela vertente oriental e ressaltar o caráter ocidental dos conquistadores, faz-se um mapeamento religioso das heranças religiosas segundo as  *muitas culturas-matrizes identificando: heranças religiosas ameríndias com sua base no xamanismo; heranças religiosas africanas em sua dupla matriz: espírito dos mortos e divindades da natureza.*

No capítulo terceiro (Esplendor do Sol ou do outro), é de se revelar a verdadeira raiz do conflito em nível de consciência. Temos os povos nativos  *com a sua mentalidade mítica, intuitiva, comunitária, respeitosamente aberta à natureza de aos cosmos e imbuídos do brilho da divindade solar* (p. 51); e os cristãos colonizadores em busca desenfreada do brilho do outro tendo em seu seio  *um pequeno segmento de religiosos missionários, voltado à questão da salvação eterna* (cf. Idem).

No capítulo quarto (Guerra dos deuses) é evidenciado a dupla estratégia missionária. Uma de quebrar a resistência religiosa com o argumento de que os deuses dos povos a ser conquistados foram fracos e que tais deuses não puderam livrá-los das mãos dos povos conquistadores, cujo Deus foi vencedor. Outra, pelo processo de mestiçagem a partir de matrizes mamelucas, que decide pela imposição da conversão (cf 75-97).

No capítulo quinto (Resistência dos deuses) é evidenciado, em pleno regime de escravidão, o milagre de diversas etnias africanas conseguirem criar laços entre si por um processo de  *agrupamento inter-étnico, em torno de suas tradições culturais* estabelecendo  *laços religiosos entre diferentes etnias para recriar seus cultos e formar religiões novas, através de importante processo de sincretismo que foram operando em surdina, escondidos nas práticas do catolicismo obrigatórios* (p. 101).

No capítulo sexto (Um deus em polissemia) tem-se o caráter de uma conclusão que não parece ser, pois, a autora diz:  *Se na América Latina colonial persistiu um imaginário de guerras e de alianças de deuses, por outro lado afirmou-se decididamente a adesão ao Deus único do cristianismo* (p. 125). Tal adesão se dá por redução, isto é, pelo processo de nuclear os povos nativos para  *reduzi-los do seu ser e do seu modo de vida e civilizá-los conforme os padrões europeus* (p. 136). Dá-se também pelo combate aos empreendimentos protestantes de colonização bem como pela perseguição de judeus e mulçumanos que eram monoteístas e seguidores do mesmo Deus único (cf. 136). Por fim, a adesão ao Deus úni-

co se faz *pela persistência de uma deusa mãe*, pois a aparição da Virgem de Guadalupe poderia ser interpretada por uma experiência religiosa vivida pelos astecas cristianizados *junto às ruínas de um antigo santuário dedicado à deusa Tomantzin* (pg. 143).

Quer o caráter de um falso capítulo conclusivo quer a falta de uma conclusão, sugere-nos que os elementos apresentados sobre a guerra e pacto dos deuses na América Latina continuam a ser um tema em aberto para futuras pesquisas e interpretações mais atualizadas. Enfim, é um trabalho estimulante para entender o sempre conflituoso processo missionário no passado e no presente.

*Luiz Gonzaga Scudeler*



**PASSOS, João Décio e SANCHES, Wagner Lopes (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas / Paulus, 2015.**

A importância do Concílio Vaticano II para a transformação da postura da Igreja frente ao mundo tem sido ressaltada cada vez mais como pode ser comprovada nesses cinquenta anos de seu encerramento. Por isso, a obra que temos quer “estar a serviço do significado das orientações conciliares desde um lugar histórico-eclesial preciso: a experiência de recepção do Concílio no Brasil e na América Latina” (p. XVI). Esse enfoque aponta para chaves de leitura hermenêutica presentes nos verbetes: sua composição, seus autores, sua sintonia com o histórico magistério local e o atual magistério universal.

A perspectiva geral, portanto, o significado histórico-eclesial do Concílio a partir do contexto eclesial na periferia do mundo. O elenco grande de autores, que contribuíram com esta obra, revelará aos leitores: a diversidade de estilo e pensamento. Por outro lado, o leitor vai encontrar verbetes temáticos, de personagens, técnicos e os que expõem questões relacionadas à recepção conciliar.

Outro aspecto importante ressaltar é que os verbetes, através de ferramentas de correlação, permite ao leitor ou leitora a compreensão dos diversos temas e a conexão entre eles. Essa providência mostra o caráter de ferramenta de estudo que se quis dar a esse trabalho conjunto.

A estrutura do Dicionário é a seguinte: Autores; Abreviaturas e Siglas, Prefácio (*José Oscar Beozzo*); Introdução (*João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches*); Verbetes; Anexos: I – Cronologia Geral do Concílio Vaticano II (*Antônio Genivaldo C. de Oliveira*); II – Listagem nominal dos Participantes diretos do Concílio Vaticano II (*Fernando Altimeyer Junior*); Índice remissivo, Índice dos Verbetes.

Por fim, queremos ressaltar que entre os autores muitos tiveram ou ainda tem alguma relação com o Instituto Teológico São Paulo, cuja fundação em 1972, teve como

inspiração justamente não apenas a abertura teológica como o estímulo a que Congregações Religiosas se unissem suas forças para oferecer uma formação teológica na linha conciliar aos seus, mas também de serviço à Igreja no Brasil.

*Luiz Gonzaga Scudeler*

**Coleção Marco Conciliar.** A Editora Paulus está lançando, sob a coordenação do professor João Décio Passos, a referida coleção. Alguns professores do ITESP deram sua contribuição e lhes damos destaque:

**Bogaz, Antônio Sagrado.** *Liturgia no Vaticano II, novos tempos de celebração cristã.* São Paulo: Paulus, 2015.

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* diz: *Devem os pastores de almas vigiar para que não só se observem, na ação litúrgica, as leis que regulam a celebração válida e lícita, mas também que os fiéis participem nela consciente, ativa e frutuosamente?* (n. 11). Portanto, a liturgia que se inaugura com a reforma conciliar é um caminho que renova os valores das celebrações, naquilo que se refere à formação da assembleia, à composição do repertório litúrgico e à mística cristã.

Não se trata de refazer os elementos constitutivos dessas mesmas celebrações, mas dar-lhes uma perspectiva renovada, que eleva o mistério pascal de Cristo em referência à vida dos fiéis. Vida e liturgia se encontram para promover a elevação do espírito humano a Deus e fecundar sua existência, numa constante busca de coerência no caminho de santificação e de transformação do povo de Deus.

**Domezi, Maria Cecília.** *O Concílio Vaticano II e os Pobres.* São Paulo: Paulus, 2015.

A pessoa humana como a pupila dos olhos, sobretudo os pobres e sofredores constitui a opção apaixonada do Concílio Vaticano II. Sob o paradigma da Igreja evangelicamente servidora da humanidade, legitimou a atuação de redes informais de intercâmbio, espiritualidade e influência que, através da prática de colegialidade, deram voz e gestos aos clamores e esperanças vindos das periferias e das fronteiras do mundo. Foi à maneira de laboratório de proposições que esses segmentos minoritários abraçaram a proposta de João XXIII e atuaram como fermento eficaz.

O sonho de uma Igreja dos pobres para ser de todos, encarnada nas particularidades para lançar-se na universa-

lidade, ganhou a adesão de cerca de vinte por cento dos padres conciliares e sacramentou-se no Pacto das Catacumbas. Logo em seguida, a original recepção do Concílio feita pela Igreja na América Latina explicitou a opção preferencial pelos pobres, que está na identidade do cristianismo e que tem sua raiz formulada nos documentos do Vaticano II. Assim, a opção pelo homem moderno alcançou rostos concretíssimos e cristológicos.

**Scudeler, Luiz Gonzaga. *Doutrina Social da Igreja e o Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.**

Este ensaio foi concebido como ferramenta com a qual o leitor poderá lapidar a pedra preciosa da vida humana e cristã, ao oferecer-lhe um mapeamento que aponta para as quatro grandes direções da opção cristã: produzir frutos para a vida do mundo (OT16). A primeira direção se volta para a busca do seu sentido: qual é o mistério que lhe dá razão de viver? A segunda direção equaciona a práxis existencial: o que fazer para viver humana e cristãmente? A terceira direção é: com que mística se cultiva a opção de vida humana e cristã? Por fim, a quarta direção: onde ou em que se dá a celebração da vida autenticamente humana e cristã? Portanto, o presente ensaio não pretende dispensar o leitor de se aproximar do rico e dinâmico conteúdo do ensinamento social da Igreja. Mas, para isso, ousa apresentar uma possível chave de leitura das encíclicas sociais.

*Antônio Carlos Oliveira Souza*